

A ANÁLISE DOS FENÔMENOS URBANOS DA GENTRIFICAÇÃO E PLACEMAKING: O CASO DE LISBOA E DO BRYANT PARK EM NOVA YORK

DINIZ, Mariana Pizzo¹
BITTENCOURT, Anne Caroline Fischdick²
MATUSITA, Gabriela Cardias Figueiredo³
MEURER, Sabrina Patrícia⁴
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata⁵

RESUMO

O presente artigo é uma das atividades propostas para o projeto de pesquisa em desenvolvimento no grupo de pesquisa “Métodos e técnicas de planejamento urbano e regional” – MTPUR, cuja finalidade é compreender a caracterização e a conformação urbana, a partir da óptica do fenômeno da Gentrificação e do *Placemaking* em dois cenários específicos: em Lisboa, a capital portuguesa, e o Bryant Park, localizado no centro de Nova York. Além disso, o presente estudo visa abordar o fenômeno da Gentrificação e do *Placemaking* em ambos os casos através de um recorte temático para o estudo histórico e urbano. Tem por objetivo também, analisar o processo da gentrificação como um modo de encarar o desenvolvimento urbanístico, apontando seus benefícios e malefícios para a população, buscando, portanto, uma conexão entre a cidade de Lisboa e o caso do Bryant Park, expondo uma análise do processo de Gentrificação e/ou *Placemaking* em ambas as cidades. Para a fundamentação teórica serão apresentados os conceitos urbanos de ambos os fenômenos, além dos estudos de caso por meio de um recorte histórico e urbanístico. Na sequência, depreendem-se uma tabela comparativa com os fenômenos da Gentrificação e *Placemaking* com as devidas considerações.

PALAVRAS-CHAVE: Gentrificação, Lisboa, Placemaking, Bryant Park.

1. INTRODUÇÃO (PARTE MARI)

Com o processo evolutivo das cidades e as consequentes mudanças que ocorreram, a paisagem urbana passou por intensas modificações, tendo sido remodelados e revitalizados. Considera-se que a cidade é um reflexo de sua sociedade, o que acarreta, portanto, numa necessidade de manter ou adicionar equipamentos urbanos que visem suprir as deficiências das cidades. Contudo, o que seria motivo de contentamento e de ansiosa espera para desfrutar do novo espaço urbano, pode se transformar em preocupação e, até mesmo, a mudança de residência por parte dos moradores locais.

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: mpdarquitetura@gmail.com.

² Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: acfbittencourt@outlook.com.

³ Graduada em Administração Geral pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Cascavel – PR. Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: gabicfigueiredo@outlook.com.

⁴ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: sabrinameurer08@hotmail.com.

⁵ Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional. Professor do Centro Universitário FAG e da Faculdade Dom Bosco. E-mail: eduardo@fag.edu.br.

Estes transtornos e inconvenientes são evitados caso aqueles que planejem o novo ambiente, estejam cientes do impacto negativo e/ou positivo causado pela mudança no espaço, considerando a realidade local e as relações que ali são estabelecidas. O presente trabalho tem como intuito, desta forma, apresentar os fenômenos da Gentrificação e do *Placemaking*, ambos resultantes das transformações do meio urbano.

A Gentrificação é um processo de enobrecimento do solo urbano, um *upgrade* em termos econômicos e culturais, e como consequência deste fenômeno, ocorre uma valorização imobiliária. Lauriano (2013) conceitua a gentrificação como sendo um fenômeno que implica mudanças sociais, físicas, econômicas, sociais, culturais e imobiliárias, impactando nos estoques de moradias e no desenho urbano.

Em contrapartida, o fenômeno urbano do *Placemaking* define-se por sua proposta de espaços urbanos qualificados à atender o bem estar das pessoas que ali vivem, sem que ocorra uma elitização e desapropriação dos moradores da região.

Com base no exposto, a presente pesquisa tem como problemática inicial o seguinte questionamento: a gentrificação é benéfica para as grandes cidades? Visando responder ao problema proposto, constituiu-se como objetivo geral: Oportunizar à outros profissionais da área da arquitetura e urbanismo, bem como profissões correlatas, o entendimento sobre os processos de Gentrificação e *Placemaking* analisando os casos da capital portuguesa, Lisboa, e do Bryant Park, em Nova York.

De modo específico este trabalho buscou elaborar o fichamento de artigos e livros para o embasamento teórico referente ao tema sobre Gentrificação e *Placemaking*; analisar e estudar o contexto histórico, social, político e urbano de Lisboa, e do Bryant Park, em Nova York, para então elaborar uma tabela comparativa com pontos positivos e negativos dos cenários apresentados.

A análise proposta neste trabalho justifica-se pelas contribuições que poderá trazer para a compreensão socioespacial e urbana da cidade de Lisboa e de Nova York. Destaca-se que em ambas houve um processo de revitalização, cujos resultados se concretizaram de formas diferentes. Além disso, sua relevância também se expressa no campo histórico do Urbanismo, pois os fenômenos da Gentrificação e do *Placemaking* estão presente na maioria dos centros urbanos, visto que estes estão em constante modificação, expandindo, transformando e valorizando novas áreas.

Do ponto de vista acadêmico científico, o desenvolvimento desta pesquisa contribuirá para ampliar os saberes acadêmicos, além de fomentar e fundamentar possíveis futuras pesquisas, entendendo-se, deste modo, o referencial teórico como um importante aparato histórico e urbano

para a compreensão do fenômeno da gentrificação como expressão espacial e de profunda mudança social.

Numa perspectiva profissional a realização do presente estudo justifica-se pelas possíveis contribuições que o estudo dos processos da Gentrificação e do *Placemaking* pode proporcionar para a compreensão do espaço urbano pela sociedade, pois se tratam de conceitos fundamentais na reestruturação metropolitana contemporânea.

2. O CONCEITO DE GENTRIFICAÇÃO

Um dos maiores problemas enfrentados atualmente em centros urbanos, de acordo com Zolini (2007), é a supervalorização. Essa valorização, segundo o autor, envolve principalmente o patrimônio cultural e, em consequência, o patrimônio arquitetônico. O processo de valorização de espaços urbanos para “melhorar” os lugares é um fenômeno conhecido como gentrificação.

Gentrificação, segundo Freitas (2006), provém do termo inglês *gentry* que é usado para se referir a pessoas da alta classe social ou nobreza. De acordo com a autora, Ruth Glass, socióloga, determinou como *gentrify* o processo de valorização do solo tendo como resultado a saída de moradores da localidade, por não possuírem condições de sustentar o novo padrão de vida, atraindo pessoas que possuem melhores condições financeiras para o local, ocorrendo assim, uma “troca”. A socióloga inglesa notou essa substituição depois que algumas mudanças ocorreram na região central de Londres, resultando na publicação do livro *London: aspects of changes*, em 1964.

Essa ação especialmente urbana tem sua gênese com a melhoria física, material ou imaterial de centros urbanos degradados ou antigos, onde, posteriormente as mudanças, constatando-se a valorização do local (BATALLER, 2012). Esse acontecimento urbanístico surgiu em países industrializados na época que compreende o período pós- industrial e tinha como principal característica a ocupação de locais anteriormente povoado por moradores de baixa renda passando a ser frequentado por uma classe detentora de um maior poder aquisitivo. Dessa forma, de acordo com Bataller (2012), resultando na elevação do status da região, favorecendo o comércio, serviços e equipamentos.

O processo de gentrificação pode ocorrer em três etapas, de acordo com Lauriano (2013) a teoria de Neil Smith apresenta esses três processos. Primeiramente aparece gentrificação do tipo esporádica, determinada como a primeira etapa do processo, identificada pelo investimento feito por

alguém que detem pouco recurso monetário, em um determinado lugar sem possuir importância financeira. O mercado imobiliário aparece na segunda etapa sendo o protagonista dos investimentos. A conveniência em dedicar recursos em um local explica-se devido aos benefícios adquiridos com o desenvolvimento. A gentrificação generalizada, caracterizando a terceira fase, distingue-se por atingir tudo, desde ruas, comércio, equipamentos, imóveis. O local passa a ser frequentado apenas por pessoas de alto poder aquisitivo.

O fenômeno majoritariamente urbano, atualmente, também pode ser identificado em áreas rurais, além da área urbana esse local tem apresentado características específicas desse processo. Bataller (2006) expõe essas mudanças fora dos centros das cidades, devido a perda do valor econômico representado pelos negócios tradicionais. Dessa forma, o espaço se modifica em fonte para outras atividades, como por exemplo, um espaço destinado para passar o tempo, ou então, como uma segunda opção de moradia. Apesar de não existir muitos estudos relacionados a gentrificação em áreas rurais, quando comparados com áreas urbanas, os resultados apresentados são parecidos. A “troca de classes” ocorre da mesma forma, devido a dificuldade encontrada pelo antigo morador em sustentar o aumento do custo de vida imposto pelo local modificado. No caso desse trabalho, o estudo será voltado apenas para gentrificação no meio urbano e de que maneira esse processo atinge os grandes centros.

2.1. O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO E A INSTABILIDADE DA POPULAÇÃO.

O traçado urbano de uma cidade e seu conjunto de obras arquitetônicas, segundo Braga (2013), demonstra como a cidade cresceu e se desenvolveu ao longo da história. Isso permite identificar as características formadoras do lugar, tendo como testemunhas desse processo de crescimento, e contínua transformação, as construções que permanecem, com isso preservando as características do lugar.

Essa constante transformação das cidades e com o desenvolvimento de tecnologias é um fator de ameaça em relação às antigas edificações, para a permanência de técnicas das suas construções e a comunidade pertencente aos locais de interesse do mercado. A ansiedade em se obter as novidades oferecidas pelo comércio e as mais modernas tecnologias, ocasiona, de acordo com Castriota (2009), a “destruição sistemática sobre qualquer quadro estável de referências”. Ou seja, a obsolescência programada tem sido um dos fatores, de acordo com o autor, responsável pela

ideia de necessidade de consumo de bens modernos ocasionando a insatisfação com o que se possui, dessa forma, o desejo por algo mais moderno ocorre em detrimento do antigo.

Nesse contexto, a gentrificação e os resultados ocasionados por ela, segundo Mendes (2011), é o processo mais notado no desenvolvimento das cidades. De acordo com a autora, o “ser moderno”, pode ocasionar mudanças irreversíveis como no caso da “troca social”, atingindo também os bens históricos pertencentes a essas pessoas que moravam no local e o qual são parte integrante de suas vidas.

Mendes (2011) diz que o intuito da “filtragem urbana” é regenerar espaços antigos de interesse do mercado imobiliário, tendo como finalidade mover camadas sociais: os antigos moradores, com menor poder aquisitivo, saem dando lugar aqueles com melhores condições de renda. Essa movimentação, segundo o autor, pode ser catastrófica para os moradores e para o patrimônio histórico se forem apenas levados em consideração os interesses capitalistas. Pois, além da substituição daqueles que habitavam no local, as intervenções feitas nos monumentos e obras antigas podem ser realizadas de forma errônea ou, até mesmo, resultar na destruição dos mesmos.

A importância do monumento, de acordo com Dvorak (2008), é evidenciada pelo lugar onde está inserido e da ligação existente entre o espaço e as pessoas, ressaltando a beleza passada pela combinação entre a obra e a paisagem a que ela pertence. Braga (2013) aborda sobre a compreensão relacionada entre diferença da cidade contemporânea, identificada por suas novas atividades desenvolvidas, e entre os centros históricos que parecem não estarem em harmonia com as inovações contemporâneas. Dessa maneira, as intervenções em centros urbanos nem sempre são pensados de uma forma que integre o antigo e o novo, resultando com a segmentação urbana, além de evidenciar a desigualdade social.

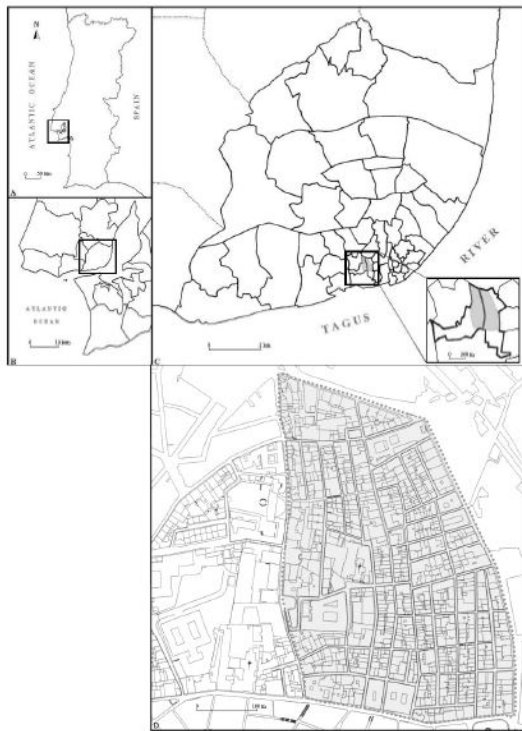
Nesse contexto, o estudo de caso de gentrificação em Lisboa, Portugal demonstra como esse processo pode interferir no cotidiano e na transformação da cidade, bem como seus efeitos na economia vinculada a reestruturação do espaço.

3 GENTRIFICAÇÃO EM LISBOA: HISTÓRIA E URBANIZAÇÃO DO BAIRRO ALTO

Xavier (2014) afirma que, com mais de meio milênio de história, o bairro Alto, um dos bairros do centro histórico de Portugal, surgiu no início do século XV e apresenta um traçado ortogonal. A sua urbanização teve início acoplado ao mar com moradores simples que trabalhavam

com a pesca. Já na direção norte, acomodaram-se os moradores mais abastados de mercadores e de famílias nobres. A arquitetura do bairro é conhecida por suas ruas bem ventiladas, e os seus bons ares que incentivam o sucesso desta área de Lisboa.

Figura 01 – Localização Bairro Alto: Zona Metropolitana de Lisboa



Fonte: Luis Mendes, 2008

De acordo com Cabrita, Aguiar e Appleton (1993), o Bairro Alto passou quase intacto ao terramoto de 1755, onde ocorreu apenas incêndios em determinadas ruas. Depois deste fato, os nobres largam suas mansões no Bairro Alto e partem para suas casas de veraneio, na periferia de Lisboa. A decadência destas mansões levou à respectiva demolição ou à requalificação em habitações populares, ocupadas pela classe operária da Capital de Portugal.

No século XIX, o presente bairro, é cenário de uma expansão vertical e de um crescimento da densidade da área. Confere-se, ainda, uma mudança socioeconômica resultante da ocupação de grande parte desta área por artistas e intelectuais da cidade formando uma atmosfera boêmia que dura até aos dias de hoje. Durante o século XX duas tentativas de regeneração urbana quase devastaram o Bairro Alto: a primeira no final da década de 30, onde Duarte Pacheco promoveu um plano que destruiria grande parte das habitações populares do bairro, para que se instala um sistema de vias de comunicação, e a segunda que propunha a destruição de grande parte do bairro Alto, para a implantação de um bairro mais contemporâneo, proposta pelo arquiteto Conceição Silva. Atualmente O Bairro Alto possui muitos problemas urbanísticos, mas continua intacto. A sua

arquitetura demonstra coesão morfológica marcada por uma estrutura física lógica e uma figura urbana abastada e heterogênea, de imenso valor patrimonial e cultural (XAVIER, 2014).

Segundo Mendes (2010), em termos habitacionais o bairro acaba por se transformar em uma espécie de parque de diversões da cidade, com alterações sociais intensas acompanhadas de um processo de gentrificação, com a adaptação progressiva do lugar por um grupo de funções associadas ao lazer e à cultura. O Bairro Alto foi abandonando parte do seu lado simbólico e legítimo adquirindo particularidades de muitos bairros culturais de outras cidades portuguesas e/ou europeias.

3.1 O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO NO CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA

Em Lisboa, o movimento de capital no mercado imobiliário associado com a transformação econômica e política para a turistificação, aparentam justificar mais claramente a gentrificação contemporânea se comparada aos estudos tradicionais que se baseiam na demanda causada nas prioridades culturais e intelectuais de uma nova classe média para bairros históricos. Sobretudo em um quadro de pós-crise financeira, a estrutura social, econômica e urbana de Lisboa foi fortemente modificada para ordenar a crescente demanda do turismo internacional. O turismo no centro histórico de Lisboa parece ser percebido pela iniciativa privada e pelo poder público como uma espécie de remédio, que pode curar todos os males da crise urbana (MENDES, 2017).

Figura 02- Bairro Alto – Centro Histórico de Lisboa



Fonte: Archdaily, 2016.

Xavier (2014) afirma que desta forma, fica difícil entender essa onda turística que Lisboa lida diariamente sem compreender antes a amarração da gentrificação nas malhas sobrepostas dos

sistemas mundiais de finanças bancárias e imobiliárias, assim como a ideia de mercado livre, o regimento urbano de intolerância, a venda da economia e da sociedade que tem declarado uma solução para as dificuldades gerado pela crise capitalista 2008/09, quando, são de fato a própria razão de todas as complicações da despadronização financeira produzida.

De acordo com Mendes (2010), ainda que em algumas situações criadas pela multiplicação de espaços gentrificados acabem gerando pontos turísticos, em outras é o próprio turismo que - movidos por métodos de promoção urbana para gerar um novo espaço construído – chama novos moradores com rendas mais altas, estimulando desta forma o processo de gentrificação. Os dois processos acabam por estarem conectados fortalecendo-se mutuamente, independente do método que alimenta o outro, entende-se que ambos se destinam a conviver no mesmo espaço urbano, derivando na chamada gentrificação.

Figura 03- Centro Histórico de Lisboa



Fonte: O Corvo, 2013.

No cenário de transformação resultante do método de reestruturação sócio-espacial no qual está passando, um espaço que era moderadamente autocentrado, estende-se gradualmente ao exterior, convertendo-se até mesmo em unidades habitacionais básicas onde os moradores saem ora para trabalhar, ora para diversão ou compras. O atual rompimento na adequação social que os processos de gentrificação ocasionam no Bairro Alto, originam-se primeiramente de uma rede alastrada de contatos sociais que procura em ambientes externos a zona de residência, uma conclusão apropriada às muitas exigências culturais ou de serviços que o residente não acha no espaço-bairro. (MENDES, 2013)

4 O CONCEITO DE *PLACEMAKING*

Pensando no progresso das cidades de uma forma que não direcionasse o planejamento para veículos, mas para pessoas, é que em 1960 começa a surgir os conceitos de *Placemaking*, tendo como idealistas William H. Whyte, Jane Jacobs, Jan Gehl entre outros que contribuíram com ideias para essa nova forma de planejar. Assim, *Placemaking* é uma maneira de planejar os espaços públicos, tendo como principal preocupação a interação entre as pessoas, promovendo a transformação dos espaços em lugares, proporcionando locais onde os indivíduos se sintam felizes e saudáveis (TANSCHKEIT, 2016).

Sendo tanto uma filosofia como um processo, o *Placemaking*, se concentra em compreender um local analisando os modos como as pessoas, que vivem, moram ou trabalham no local, interagem com aquele espaço. Essa é uma forma de entender as necessidades daqueles que convivem no local e quais suas pretensões para o futuro daquele lugar. Dessa forma, o planejamento junto com a comunidade é um importante método para a execução de melhorias nos espaços, proporcionando que a população tenha uma visão daquilo que consideram importante no lugar onde frequentam (PROJECT FOR PUBLIC SPACES).

Segundo Heemann e Santiago (2015), pode ser traduzida para o português a expressão *Placemaking* como “fazer lugares”. Formando comunidades mais saudáveis e felizes, os “lugares” são citados como ambientes públicos que incentivam relações entre pessoas e entre as pessoas e a cidade. Embasado na participação comunitária, o *Placemaking* inclui o planejamento, a gestão, o desenho e o esboço de espaços públicos, facilitando a formação de atividades e ligações, sejam elas culturais, sociais, econômicas e ambientais, definindo um espaço e oferecendo suporte para sua evolução.

Figura 04 - *Placemaking*



Fonte: Heemann e Santiago (2015).

Gaete (2017) define *Placemaking* como sendo um conceito nomeado pela ONG norte-americana, Project for Public Spaces (PPS), para estabelecer os procedimentos de desenho colaborativo de espaços públicos que consideram os propósitos, ambições e carências das comunidades locais. E para Fragata (2017), pode ser denominada como um método que abrange projetar, criar e manter espaços públicos, estimulando um maior contato entre as pessoas, e propondo a transformação dos pontos de encontro de uma comunidade, como praças, parques, ruas e calçadas, em espaços mais prazerosos e atraentes.

O que faz um espaço público ser bem-sucedido? Para Heemann e Santiago (2015), a imagem a seguir expõe um diagrama que auxilia como instrumento para avaliar um espaço público.

Figura 05 - O que faz um espaço público ser bem-sucedido?



Fonte: Heemann e Santiago (2015).

São utilizadas, essas informações, para a elaboração de uma visão comum de lugar, que permite a prática de mudanças rápidas que originem benefícios instantâneos para um espaço público e para as pessoas que o frequentam (PORTAL DA COMUNIDADE BRASILEIRA DE PLACEMAKERS, 2017).

5 PLACEMAKING NO PARQUE BRYANT PARK: A HISTÓRIA

O Bryant Park é um dos parques mais frequentados de Nova Iorque, e está localizado entre a Quinta e a Sexta Avenidas de Manhattan. Além de sua excepcional localização, junto a outros pontos turísticos significativos, como o Empire State Building, oferece diferentes comodidades, entre eles o Wi-Fi gratuito, fazendo com que o parque, conhecido igualmente por já ter sido cenário de filmes e programas de TV, se torne uma estada admissível durante a permanência na cidade (NOVA YORK, 2016).

Segundo o Portal Nova York (2016), em meados do século XIX, o espaço foi remodelado em um parque urbano, sendo nomeado até então de Reservoir Square, devido a sua localização na mesma quadra que um antigo reservatório, que anos depois, seria demolido e cederia lugar a famosa Biblioteca Pública de Nova Iorque.

Em homenagem ao jornalista e grande protetor da abolição da escravidão, William Cullen Bryant, o parque passou a ser titulado em 1884, oficialmente, como Bryant Park. A relevância do local cresceu significativamente ao longo do século XX, após o parque recepcionar eventos importantes da cidade. Entretanto, no decorrer dos anos 70, o parque também desafiou um tempo de declínio, e na sequência passou por uma série de obras de infraestrutura e modernização, que colaboraram para torná-lo de novamente um dos pontos turísticos favoritos dos visitantes que transitam por Manhattan (NOVA YORK, 2016).

Figura 06 - Vista do Bryant Park, 1922.



Fonte: Bryant Park (S/D).

Para redesenhar o parque, o Comitê de Emergência dos Arquitetos patrocinou um concurso, sendo a apresentação vencedora do arquiteto Lusby Simpson, com sede no Queens. O parque foi aberto ao público em 14 de setembro de 1934, contendo um diagrama clássico, grande gramado central e caminhos formais, balaustradas de pedra e no extremo oeste uma praça oval incluindo o Memorial Josephine Shaw Lowell Fountain (BRYANT PARK, S/D).

Figura 07 - Vista do Bryant Park, 1937.



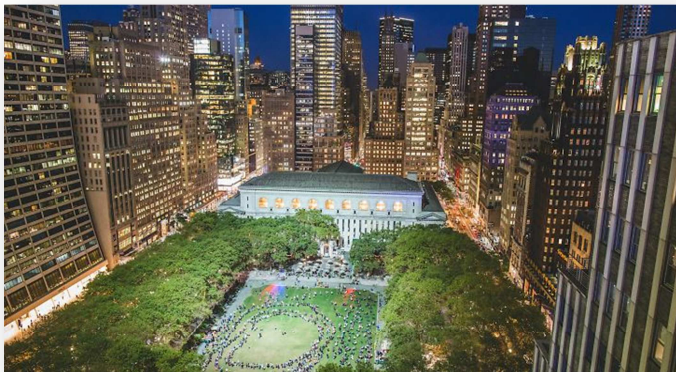
Fonte: Bryant Park (S/D).

4.1 O PROCESSO DE PLACEMKING NO PARQUE BRYANT PARK

Em 1980, foi criado um plano diretor para mudar o parque, começaram a experimentar uma série de esforços para levar as pessoas de volta ao mesmo, enquanto também exploravam como gerar renda. Reduzindo a criminalidade em 92% e duplicando o número de visitantes anuais do parque, um impulso de sete anos combinou manutenção adicional do parque, como quiosques temporários e eventos públicos que vão desde passeios históricos a shows (BRYANT PARK, S/D).

Segundo o Portal Project for Public Spaces (2005), apesar de sua localização privilegiada, o parque estava mal mantido. De modo geral, parecia um lugar muito ameaçador. E para o Portal Project for Public Spaces (S/D), erguido sobre ruas movimentadas circundantes e concebido como um “santuário urbano”, o parque criou isolamento e tornou-se um paraíso evidente para o tráfico de drogas e outras atividades negativas.

Figura 08- Bryant Park.



Fonte: Time Out (2017).

Como um parque tão bem localizado falhou cruelmente? Múltiplos fatores explicam sua queda. Primeiramente, todo o parque estava a três metros e meio acima das calçadas, as entradas estreitas e reservadas levavam as pessoas a se preocuparem com a chegada, pois não podiam analisa-las com antecedência. As árvores em abundância tornavam a visibilidade dos visitantes complexa, porém, o principal problema era que mesmo os corajosos que se arriscavam para outros fins, apesar de comprar drogas, não encontravam um lugar para recreação (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2005).

De acordo com o Portal Project for Public Spaces (2005), na tentativa de estimular o uso legítimo do parque, a Sociedade Municipal de Artes, acrescentou livrarias e um pequeno café,

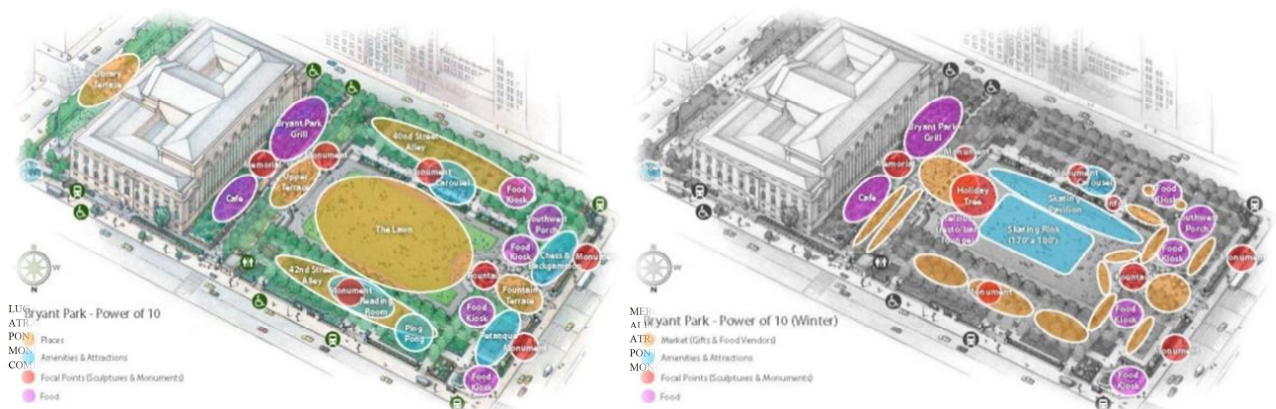
felizmente, algumas mudanças positivas estavam em andamento, ficando claro que seria imprescindível mais do que um redesenho para convidar cidadãos do cotidiano para o Bryant Park.

O sucesso do parque estimulou um avivamento em todo o distrito, sendo considerado o principal bem público em pleno centro de Manhattan. Hoje, podemos dizer que 80% do sucesso de um parque é devido à boa gestão (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2005).

Para o Portal Nova York (2016), depende basicamente da época do ano as escolhas sobre o que fazer no local. O parque abriga distintas atrações no decorrer dos meses mais quentes do ano, como festivais de músicas e mostras de cinema. Além do mais, o local é excelente para fazer caminhadas, piqueniques ou unicamente descansar em meio ao cenário, que combina a agitação da cidade com a tranquilidade de um ambiente rodeado por natureza.

No inverno, os turistas também se surpreendem, pois é nesta estação que é montado um grande ringue de patinação sob o gramado do parque, tendo ao lado uma linda árvore de natal, tornando o ambiente ainda mais especial (NOVA YORK, 2016).

Figura 09 - Bryant Park, Atrações: Verão X Inverno.



Fonte: Bryant Park (S/D). Editado pela autora.

Contudo, construído em 1911, o parque de oito hectares refugia a Biblioteca Pública de Nova Iorque e serve como abrigo para os trabalhadores de escritórios dos edifícios próximos. Na década de 1970, o parque se deteriorou em um assombro de traficantes e usuários de drogas. A partir de 1980, o parque passou por uma ampla reformulação, e agora é um dos espaços mais ativos e amados da cidade de Nova Iorque. Possui um grande gramado emoldurado por flores, árvores e calçadas de cascalho, entre as suas comodidades estão bancos, cadeiras móveis, seis quiosques, onze entradas, iluminação ornamentada, dois monumentos, sanitários, mesas para jogos, área de

jogos e a histórica Josephine Shaw Lowell Fountain. O parque possui também dois restaurantes, sendo um deles localizado em um terraço (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Figura 10 - Bryant Park, hoje



Fonte: Bryant Park (2017).

A surpreendente reviravolta de um parque dominado por traficantes de drogas e outros criminosos no parque mais vibrante da cidade de Nova Iorque. Vencedor de mais de duas dúzias de prêmios de design e gerenciamento, é citado em numerosos livros e artigos como um dos melhores parques urbanos do mundo, o Bryant Park é um grande sucesso tanto do ponto de vista do design como financeiro, servindo como um modelo internacional de decoração, reconstrução urbana e gerenciamento de espaço público (BIEDERMAN REDEVELOPMENT VENTURES, S/D).

5 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste artigo, de cunho bibliográfico se deu por meio da coleta de fontes secundárias, ou seja, materiais publicados que possuem uma relação com o tema em estudo. Esta metodologia foi escolhida, pois, ao analisar os textos resultantes de pesquisas e as imagens constituiu-se uma base de dados ampla para o estudo do fenômeno da gentrificação e estabelecer uma conexão entre as duas cidades exemplificadas. Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, busca-se “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.183). De acordo com Severino (2002) e Andrade (2005) ainda, a pesquisa bibliográfica trata-se de uma técnica de pesquisa que visa o

levantamento de fontes escritas ou iconográficas já publicadas que corroboram para a fundamentação de um texto.

Além disso, outro método utilizado no presente trabalho é a comparação que pesquisa coisas ou fatos, explicando-os segundo suas diferenças e semelhanças. O método comparativo refere-se ao esclarecimento dos acontecimentos e admite ponderar o dado concreto, deduzindo desse “os elementos constantes, abstratos e gerais.” (LAKATOS; MARCONI, 2007).

De acordo com Gil (2008), o método comparativo resulta da investigação de classes, indivíduos, fenômenos ou fatos, procurando destacar as diferenças e as similaridades entre eles. “Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo” (GIL, 2008, p. 16-17).

6 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Considerando o exposto acima, elaborou-se a seguinte tabela comparativa com os dois casos estudados com o objetivo de esclarecer as principais características da Gentrificação e do *Placemaking*.

Tabela 01 - Principais características da Gentrificação e do *Placemaking*.

AS CARACTERÍSTICAS DA GENTRIFICAÇÃO E DO PLACEMAKING	
LISBOA, PORTUGAL	BRYANT PARK, NOVA YORK
Bairro Alto	Bryant Park
Crise capitalista 2008/09	Século XIX, o espaço foi remodelado, e originou um parque urbano.
Causas da Gentrificação: movimento de capital no mercado imobiliário associado com a transformação econômica e política para a turistificação.	A relevância do local cresceu significativamente ao longo do século XX, após o parque recepcionar eventos importantes da cidade.

Iniciativa privada e pelo poder público	O plano diretor de 1980 criou um plano de necessidades voltado para o uso público e a geração de renda.
População que habitava originalmente o bairro central de Lisboa não consegue manter-se de acordo com o novo padrão econômico	O parque abriga distintas atrações no decorrer dos meses mais quentes do ano, como festivais de músicas e mostras de cinema. Além do mais, o local é excelente para fazer caminhadas, piqueniques ou unicamente descansar em meio ao cenário do centro da cidade de Nova York.
O Bairro Alto passa a ter uma classe de moradores com renda mais alta.	Atualmente o Bryant Park é uma área de lazer e recreação utilizada por todas as classes sociais de forma indistinta.

Fonte: Project for public spaces (2009), Mendes (2017). Organizado pelas autoras.

Em um contínuo saber, depreendem-se as características de ambos os fenômenos e os seus respectivos resultados no âmbito urbano. No caso de Lisboa, especificamente em seu bairro histórico, o processo da gentrificação, conforme afirma Mendes (2017) acabou por expulsar os moradores locais devido ao alto custo imposto pelo processo da gentrificação.

Em contrapartida, no caso do Bryant Park, no centro da cidade de Nova York, após a reforma do espaço no século XIX, de acordo com o Project for Public Spaces (2009), viabilizou-se a permanência de seus usuários e proporcionou um espaço público de qualidades aos habitantes e visitantes da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposta inicial do presente trabalho, propôs-se a identificação e a conceituação do processo de Gentrificação e Placemaking, a partir da compreensão de dois exemplos práticos da capital portuguesa, Lisboa, e do Bryant Park, em Nova York.

Além disso, foi objeto de estudo e análise a pesquisa histórica referente ao surgimento do processo histórico e da urbanização destes dois cenários, apontando os principais eventos que contribuíram para a formatação do desenho urbano e a sua modificação após a revitalização.

Quanto ao problema inicialmente estabelecido⁶, conclui-se que o fenômeno da gentrificação compreende o enobrecimento do solo urbano, um upgrade em termos econômicos e culturais, e como, cuja consequência deste fenômeno, é a valorização imobiliária e a consequente expulsão de seus moradores iniciais, sendo portanto negativa nos centros urbanos. De maneira prática o processo da gentrificação trata ao mesmo tempo de quesitos físicos, econômicos, sociais e culturais, implicando não apenas em uma mudança social, mas também uma mudança física do estoque de moradias na escala de bairros além de uma mudança econômica sobre os mercados fundiário e imobiliário como visto no caso de Lisboa.

Em oposição à este processo, o *Placemaking* pressupõe, em sua essência, que esta valorização do espaço deve ocorrer ao mesmo passo que a população também a acompanha e é beneficiada. A exemplo, o caso do Bryant Park, localizado em uma região central de Nova York, valorizada financeiramente, mas que ao ser reformada, manteve um uso público e beneficiou a população.

Para se inserir ou alterar os espaços urbanos, com o intuito de trazer melhorias na qualidade de vida da população que ocupa estes centros, há profunda necessidade de conhecimento e planejamento dos meios urbanos e da dimensão social, política e econômica de sua importância.

REFERÊNCIAS

BATALLER, M. A. S. O estudo da gentrificação. **Publicado originalmente na Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales (ISSN 1138-9796)**, Universidad de Barcelona - nº 228, 3 de mayo de 2000, com o título El estudio de la gentrificación. Tradução de Maurílio Lima Botelho (UFRRJ).

⁶ A problemática inicial foi estabelecida a partir do seguinte questão: a gentrificação é benéfica para as grandes cidades?

BIEDERMAN REDEVELOPMENT VENTURES. **Bryant Park**. S/D. Disponível em: <<https://www.brvcorp.com/project-gallery/bryant-park>>. Acesso em: 04/11/2017.

BRAGA, P. M. **Intervenções Urbanas em Áreas Centrais Históricas**. Paisagens particulares versus a banalização da paisagem. Contradições entre preservação do patrimônio cultural e a promoção do turismo em intervenções realizadas no centro histórico de Salvador e no Bairro do Recife. Tese (doutorado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo – São Carlos. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

BRYANT PARK. S/D. Disponível em: <<http://bryantpark.org/>>. Acesso em: 02/11/2017.

CABRITA, A. R.; AGUIAR J. e APPLETON J. (1993) – **Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto**. Lisboa: C.M.L./LNEC. Disponível em: <http://www.civil.ist.utl.pt/~hrua/Publica/BA.pdf>. Acesso em: 30/out 2017.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

DVORAK, Max. **Catecismo da Preservação de Monumentos**. Tradução: Valéria Alves Esteves Lima. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

FRAGATA, A. **Fazer Cidade: Placemaking**. Revista Smart Cities: Cidades Sustentáveis. 14 ed. 2017. Disponível em: <<http://www.ficis.pt/wp-content/uploads/2017/02/RevistaSC14-FICIS17.pdf>>. Acesso em: 25/09/2017.

FREITAS, C. M. **A reconquista do centro: uma reflexão sobre a gentrificação de áreas urbanas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GAETE, C. M. **Como construir lugares para melhorar a saúde mental dos habitantes**. 2017. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/870258/como-construir-lugares-para-melhorar-a-saude-mental-dos-habitantes>>. Acesso em: 25/09/2017.

HEEMANN, J.; SANTIAGO, P. C. **Placemaking: uma filosofia e uma ferramenta**. Guia do espaço público: para inspirar e transformar. 2015. Disponível em: <<http://www.placemaking.org.br/home/wp-content/uploads/2015/03/Guia-do-Espa%C3%A7o-P%C3%BAblico1.pdf>>. Acesso em: 25/09/2017.

LAURIANO, W. **Gentrificação: Estratégias de enobrecimento do solo urbano. Dos tijolos de barro no subúrbio paulistano aos blocos de Brasília**. 2013. Dissertação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, UnB, Brasília.

MENDES, L. **Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 473-495, jul/dez 2011.

MENDES, Luís. **O Lugar do Gênero na Produção de Gentrificação e de Novas Procuras Residenciais no Centro Histórico de Lisboa**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 89-105, jan. /jul. 2010.

MENDES, Luís. **Gentrificação turística em Lisboa: neoliberalismo, financeirização e urbanismo austeritário em tempos de pós-crise capitalista 2008-2009**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 19, n. 39, pp. 479-512, maio/ago 2017 <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3906>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2236-99962017000200479&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22/out. 2017.

MENDES, Luís. **Da Gentrificação Marginal Enquanto Movimento Urbano Crítico: Evidências Empíricas De Um Bairro Histórico De Lisboa, Bairro Alto**. Revista Iberoamericana de Urbanismo nº9. Disponível em: http://www.riurb.com/n9/09_02_GoncalvesMendes.pdf. Acesso em: 29 out. 2017.

NOVA YORK. **Bryant Park**. 2016. Disponível em: <<https://novayork.com/bryant-park>>. Acesso em: 04/11/2017.

PORTAL DA COMUNIDADE BRASILEIRA DE PLACEMAKERS. **O que é Placemaking**. 2017. Disponível em: <<http://www.placemaking.org.br/home/o-que-e-placemaking/>>. Acesso em: 25/09/2017.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **Bryant Park, NY: propriedade pública, administrada de forma privada e financeira auto associada**. 2009.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **Bryant Park - Cliente: Rockefeller Foundation, Bryant Park Restoration Corporation**. S/D. Disponível em: <<https://www.pps.org/projects/bryantpark/>>. Acesso em: 04/11/2017.

TANSCHKEIT, Paula. **Placemaking x gentrificação: a diferença entre revitalizar e elitizar um espaço público**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/791764/placemaking-x-gentrificacao-a-diferenca-entre-revitalizar-e-elitizar-um-espaco-publico>> Acesso em: 30 de setembro de 2016.

XAVIER, António José Tavares da Costa. **Influências de Políticas Autárquicas de Reabilitação Urbana na Projeção Turística de Espaços Típicos de Lisboa - os casos do Bairro Alto e da Mouraria**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Gestão e Sustentabilidade no Turismo. Instituto Politécnico de Leiria, setembro de 2014. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2020/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ant%C3%B3nio%20Xavier%2028n.4120391%29.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

ZOLINI, G. P. de P. **A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte**. 2007. Dissertação (mestrado) Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

IMAGEM 01

Fonte: Luis Mendes, 2008

IMAGEM 02

Fonte: Archdaily, 2016.

IMAGEM 03

Fonte: O Corvo, 2013.

IMAGEM 04

Fonte: Heemann e Santiago (2015).

IMAGEM 05

Fonte: Heemann e Santiago (2015).

IMAGEM 06

Fonte: Bryant Park (S/D).

IMAGEM 07

Fonte: Bryant Park (S/D).

IMAGEM 08

Fonte: Time Out (2017).

IMAGEM 09

Fonte: Bryant Park (S/D). Editado pela autora.

IMAGEM 10

Fonte: Bryant Park (2017).

TABELA 01

Fonte: Project for public spaces (2009), Mendes (2017). Organizado pelas autoras.